

COOPERATIVA DE MULHERES COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NO AGRESTE DE PERNAMBUCO (BRASIL)

Procesos de producción del conocimiento: sistematización de procesos de investigación – acción y/o de intervención

GT07: Desenvolvimento Territorial e Local: desigualdades e descentralização

Maria do Socorro Machado Freire¹, Niedja Lima Silva² e Victor Hugo Araújo Montenegro de Lucena³

Resumo:

O presente trabalho pretende realizar uma descrição reflexiva sobre o processo de consolidação de uma cooperativa de mulheres artesãs, *Arte Calango*, situada em Barra do Riachão, distrito do município de São Joaquim do Monte, agreste do estado de Pernambuco (região nordeste do Brasil). Assim como analisar o papel desempenhado pela Universidade Federal de Pernambucano, através do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social, que, a partir de um projeto de extensão se integrou à realidade da população local, buscando compreender reais necessidades e demandas emergentes do distrito. Para tanto, pretende-se relatar como empreendimentos solidários possibilitam o fortalecimento das potencialidades emancipatórias da população, promovendo a mobilização de seus atores e gerando aprendizado coletivo, na busca de alternativas para os problemas locais.

Palavras-chave: cooperativa de mulheres; desenvolvimento local; qualidade de vida.

1. INTRODUÇÃO

O atual cenário existente no Brasil evidencia uma problemática séria de desigualdade social e o nordeste do país ainda se mostra como uma das regiões mais contrastantes em termos de qualidade de vida. O modelo de desenvolvimento proposto no país, estritamente relacionado aos aspectos econômicos, cada vez mais se mostra inviável às reais demandas e necessidades dos mais pobres e mais oprimidos. Em meio a esta conjuntura, a economia solidária se mostra como uma alternativa viável ao modelo neoliberal, por estar estruturada em princípios que valorizam os seres humanos e não o capital, diferentemente do atual modelo econômico vigente.

É com o intuito de endossar os caminhos na defesa da economia solidária como possibilidade estruturadora do desenvolvimento local e conseqüentemente na melhoria da qualidade de vida, que este artigo se lança. Através de uma descrição reflexiva do processo de consolidação de uma cooperativa de mulheres artesãs, assim como uma análise do papel desempenhado pela Universidade Federal de Pernambucano (UFPE), através de projetos de extensão realizados pelo Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP).

¹ Graduada em Serviço Social pela UFPE (1978). Especialista em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRZ (1987) e em Associativismo e Cooperativismo pela UFRPE (2004), Mestre em Serviço Social pela UFPE (1996). Desde 1997 é pesquisadora e desenvolve atividades de ensino e extensão no Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP) da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: socorromfreire@gmail.com

² Graduanda em Serviço Social pela UFPE, bolsista do projeto de extensão. E-mail: niedjasun@gmail.com

³ Graduando em Ciências Sociais pela UFPE, bolsista do projeto de extensão. E-mail: victorxmontenegro@live.com

A cooperativa de mulheres, intitulada Arte Calango, está situada em Barra do Riachão, distrito rural do município de São Joaquim do Monte, região agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). Para além dos problemas sociais já conhecidos dos grandes centros urbanos, como falta de emprego, renda e acesso à bens e serviços públicos de qualidade, o interior do estado pernambucano está fortemente marcado pela falta de acesso à terra e aos meios de produção, assim, se esvaindo ainda mais as possibilidades de driblar as dificuldades que venham a surgir ao longo da vida.

A problemática ainda se desdobra quando se percebe o papel secundário ao qual as mulheres do meio rural estão sujeitas, sem muitas possibilidades de escolha – onde os trabalhos remunerados oferecidos na região demandam grandes esforços físicos e são bastante restrito aos homens –, vivem reclusas aos trabalhos domésticos e aos cuidados dos filhos. Assim, levando suas vidas sem grandes projeções sociais, presas ao âmbito e a rotina dos fazeres domésticos, em geral, bastante estigmatizadas por isso.

A partir desta problemática da desigualdade de gênero, o NUSP/UFPE lançou de maneira articulada com a Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis (RPMS), projetos de extensão que promoveram intervenções na localidade, em ações direcionadas a este grupo social específico, mas tendo em vista que um público maior indiretamente também seria beneficiado. Ao longo de alguns anos, o Núcleo, através de projetos de extensão, se integrou à localidade realizando pesquisas, estudos e tentativas de melhor compreender as reais necessidades e demandas emergentes do distrito. Diante da própria vontade das mulheres da comunidade em se organizarem coletivamente em prol do artesanato, foram propostos projetos que fomentaram a consolidação de uma cooperativa na localidade.

Sob a égide da sustentabilidade do empreendimento solidário, os projetos vieram com a perspectiva de fortalecer a produção, organização, gestão e comercialização dos produtos, mas, para além disso, também ocorreram oficinas e espaços propositivos para a discussão e fomento do capital social das cooperadas. Assim, não apenas dando suporte no conhecimento técnico necessário para gerir um empreendimento, mas também fomentando valores sociais igualmente importantes para o bem-estar no local de trabalho e que reverberam e influenciam no dia-a-dia das cooperadas, como a participação coletiva, autogestão, autoconfiança, união e solidariedade entre os membros.

Constatou-se com isso que à medida que as cooperadas vão se empoderando da relevância do seu fazer, recebendo reconhecimento em casa e na comunidade pelas ações e resultados alcançados, são estimuladas a continuar buscando melhorias para o empreendimento e para a comunidade. Ressalta-se ainda a expressiva participação das mulheres do distrito na cooperativa, que, mesmo tendo diversos encaixos negativos ao longo da consolidação do empreendimento, tem seus ganhos reconhecidos na Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis, onde se evidencia o grande capital social deste grupo.

Há que se considerar a importância de discussões mais esmiuçadas sobre esta temática ainda emergente, não apenas na prática, mas também no campo acadêmico, refletir sobre as barreiras paulatinamente sobrepostas e as dificuldades e negativas ainda latentes. Este trabalho, por fim, se debruçará sobre esta perspectiva de analisar alguns dos desafios que o cooperativismo enfrenta por se firmar enquanto elemento estratégico de desenvolvimento local das cidades.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cooperativismo pode se constituir numa das possibilidades de inclusão social no processo produtivo, verificadas por meio do crescimento de experiências diversificadas, inseridas nos mais diferentes setores socioeconômicos. Na análise de Singer (2000), um dos obstáculos que impede a expansão do cooperativismo e da economia solidária é a inexistência de uma cultura cooperativa entre os trabalhadores, sendo um dos grandes desafios desse processo de mudança cultural, a habilitação desse contingente populacional na gestão democrática. Apesar das distâncias existentes entre os valores cooperativos e as práticas vigentes nessas organizações e em outras que estão inseridas no conjunto de atividades que compõem o Terceiro Setor, o autor considera essas iniciativas populares, pelo fato de

serem estruturadas ideologicamente no ideário da solidariedade, participação e autogestão dos trabalhadores, um dos horizontes a ser perseguido, enquanto alternativa de superação das desigualdades sociais e da hegemonia do capitalismo atual. Todavia, a trajetória do cooperativismo no Brasil tem sido marcada por uma cultura patronal, assumida pelo Estado e ou por grupos empresariais do agro-negócio.

Este contexto tem criado obstáculos às iniciativas e sustentabilidade do trabalho cooperativo para os pequenos produtores e trabalhadores da agricultura familiar e conseqüentemente interferindo no processo de desenvolvimento local, especialmente na região Nordeste do Brasil. Estas questões repercutem diretamente no aspecto da sustentabilidade e gestão das cooperativas agrícolas e populares (MC INTYRE, 2003). A frágil capacidade de investimento de capital, mão-de-obra sem qualificação e controle financeiro-contábil precário, tem contribuído para um baixo nível de competitividade e a descapitalização dessas cooperativas, especialmente as de pequeno porte (BERGONSI et al, 2005), além da queda acentuada da participação feminina nas organizações cooperativas que vem refletindo uma cultura de falta de equidade de gênero nesses espaços (FRANCO DE SÁ et al, 2000).

Neste sentido, se torna estratégico uma atuação mais preocupada com a desigualdade de gênero, que leve em consideração em seu modelo de desenvolvimento as problemáticas conflitantes da questão. As desigualdades cercam o contexto feminino, isso justifica a necessidade de políticas públicas para esta categoria social e a importância das cooperativas enquanto instrumento de empoderamento e enfrentamento da pobreza, exclusão e desigualdade social. Em um contexto onde a participação popular é um dos obstáculos ao desenvolvimento local, cooperativas de mulheres se mostram extremamente estratégicas, uma vez que fomenta a emancipação social de um grupo historicamente à margem das decisões políticas, em âmbito doméstico e comunitário.

Na visão de municípios saudáveis (HANCOCK, T. DUHL. L, 1986) e do desenvolvimento como liberdade, (AMARTYA SEN, 2000), o desenvolvimento econômico não pode de forma sensata ser considerado um fim em si mesmo, o desenvolvimento, precisa estar relacionado, sobretudo com a melhoria da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Para Amartya Sen, o desenvolvimento de um país não deveria ser percebido apenas por seus índices econômicos, ele enxerga o grau de desenvolvimento intrinsecamente conectado com as oportunidades que são oferecidas à população em fazer escolhas e exercer sua cidadania. Sen (2000) entende que os processos de desenvolvimento de um país caminham lado a lado com a erradicação das privações de liberdade que inviabilizam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercerem ponderadamente sua condição de cidadão. Esse ponto de vista coloca a liberdade, a autonomia e a oportunidade em realizar suas próprias escolhas, no plano de direitos sociais básicos, junto à saúde, educação, segurança, habitação e cultura.

Akerman (2005) aponta a bidirecionalidade entre saúde e desenvolvimento, em que os benefícios no espaço da saúde contribuem para o desenvolvimento, não apenas no viés econômico, mas de forma a influir no desenvolvimento social da população. Significa que para compreender a relação saúde-desenvolvimento, sem remeter tais reflexões apenas à lógica do desenvolvimento econômico, é preciso analisar de forma ampliada, condicionantes e determinantes, de maneira que as iniciativas locais reconheçam os distintos interesses e projetos em disputa na sociedade. De forma que busquem levantar as prioridades e demandas das populações envolvidas, as experiências de forma horizontal, proporcionando para as pessoas voz e participação no planejamento, execução e avaliação de ações, tornando-se segundo o autor, o embrião para a construção de uma estratégia de desenvolvimento local.

Neste sentido, entende-se o desenvolvimento local como um processo dinâmico, que mobiliza pessoas e instituições, na intenção de transformar a economia e a sociedade local, criando oportunidades para a melhoria de vida da população (JESUS, 2003). A partir das potencialidades e desafios da população local, o desenvolvimento local proporciona a visibilidade das ações comunitárias. O local destas ações é cercado de significado, influências, relações de poder e principalmente de capital social. Trata-se não apenas de um espaço geográfico, mas de uma concepção de território, que se torna o norte para se pensar uma política bem mais próxima da população que não descarta suas características locais e suas vivências, ao contrário, acaba potencializando esse

sentimento de pertencimento a fim de alcançar um atendimento bem mais qualificado e que se adéqua à realidade do usuário. Pode-se verificar que (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2004, p. 11):

Um país, um Estado, uma cidade, um bairro, uma vila, um vilarejo são recortes de diferentes tamanhos dos territórios que habitamos. Território não é apenas uma área geográfica, embora sua geografia também seja muito importante para caracterizá-lo. O território é constituído fundamentalmente pelas pessoas que nele habitam, com seus conflitos, seus interesses, seus amigos, seus vizinhos, sua família, suas instituições, seus cenários (igreja, cultos, escola, trabalho, boteco etc.)

Torna necessário considerar a definição do território como o lugar que acontece as vivências cotidianas, em que o conjunto das pessoas vivem diariamente trocando informações, em seus modos culturais, com suas particularidades que podem estar ligadas a uma totalidade e diversidade. É o que Raffestin (1993), denomina de território vivido, o mesmo observa que a territorialidade reflete os aspectos do território vivido, expressão usada para refletir ao espaço modelado no qual estão inseridos os indivíduos, vividos cotidianamente. O território como local de vivência, resgata o entendimento de solidariedade, nos trazendo a noção das trocas entre as comunidades que fazem com que esse aspecto seja também resgatado por essas políticas de saúde e desenvolvimento, a fim de visar as particularidades de cada localidade.

Nessa perspectiva, o público alvo do projeto construiu um empoderamento que refletiu em uma preocupação com o fazer coletivo, influenciando diretamente no interesse em pensar e fazer a sua própria comunidade, assim, uma busca coletiva por participar do planejamento de ações em seu território. Uma evidência de como o empreendimento solidário desempenhou um papel de fomentador não apenas de renda para as cooperadas, mas também de capital social, com isso, também trazendo ganhos e benefícios indiretos para toda a comunidade. É com este pensar que temos grande interesse acadêmico em refletir sobre o processo de consolidação desta cooperativa, perceber os enalços paulatinamente superados, assim como os obstáculos ainda persistentes dentro do empreendimento e na economia solidária, de maneira geral.

Na próxima sessão do trabalho será descrita as ações da Universidade – através dos projetos de extensão realizados pelo NUSP/UFPE – com as cooperadas, em sua preocupação de construir organicamente com o grupo, valores, como: equidade de gênero, democracia participativa, redes de solidariedade e qualidade de vida. Assim como ressaltar as experiências positivas a partir de uma metodologia participativa⁴ desenvolvida pelo NUSP/UFPE, que mediaram as ações, as dinâmicas de reunião e o planejamento dentro da cooperativa e dentro do projeto.

3. AS AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO: PRÁTICAS SAUDÁVEIS E COOPERATIVISMO NO AGRESTE DE PERNAMBUCO.

O Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social – NUSP atua na área de Promoção da Saúde, Municípios Saudáveis e Desenvolvimento Local, funciona como espaço de ensino, pesquisa e extensão com ações interdisciplinares e interinstitucionais, visando promover qualidade de vida e desenvolvimento social de municípios das diversas regiões do estado de Pernambuco. É nesta perspectiva que a equipe técnica, junto com estudantes da UFPE de diversas áreas do conhecimento,

⁴ Trata-se do *Método Bambu*. Uma metodologia de planejamento operacional e ação reflexiva, desenvolvido no interior do NUSP – fruto de experiências anteriores de colaboração e troca de conhecimentos com outros núcleos e instituições acadêmicas (MENEZES FILHO. A et al, 2006). Com ele, foram empregadas estratégias metodológicas participativas de incubação tecnológica nos processos de organização e gestão democrática do empreendimento solidário. O Método Bambu também é utilizado como instrumento de mobilização dos grupos, monitoramento e avaliação das capacidades desenvolvidas e lições aprendidas.

vem realizando atividades nos municípios que fazem parte da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis (RPMS)⁵.

As ações realizadas no município de São Joaquim do Monte - Barra do Riachão, no âmbito do projeto de extensão⁶ “Incubação de Cooperativas de Mulheres Artesãs da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis”, apoiado pelo Ministério da Educação (Secretaria de Educação Superior) e PROEXT/UFPE, tem como público alvo mulheres envolvidas em atividades de geração de renda, no município supracitado. São mulheres artesãs de faixa etária diversificada, com especificidades em relação a produção e ao capital social.

Os objetivos principais do Projeto de Extensão foram: a) promover a sustentabilidade de duas cooperativas de artesãs nos municípios de Barra de Guabiraba e São Joaquim do Monte por meio de incubação tecnológica visando a sua consolidação no mercado e no desenvolvimento local; b) incentivar a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres artesãs da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis através de trocas de experiências nos Encontros da Rede e participação na FENEARTE; c) articular equidade de gênero as questões de trabalho e renda, qualidade de vida e políticas públicas saudáveis, nas ações e interações dos participantes e parcerias; d) fortalecer as capacidades produtivas e gerenciais das duas organizações cooperativas através de capacitações em planejamento, gestão e comercialização; e) Contribuir com o debate e a produção do conhecimento sobre incubação de cooperativas de mulheres no âmbito da UFPE e da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis através dos relatórios, monografias e publicações.

Assim, a partir das experiências da comunidade e de suas potencialidades, foi formada uma cooperativa de mulheres artesãs, objetivando gerar pertencimento, solidariedade, geração de renda e participação comunitária, bases para a promoção da saúde. Trata-se de uma cooperativa de produção⁷, *Arte Calango*, inserida na zona rural de um município do agreste pernambucano. Desde 2006 as artesãs participam de diversas capacitações, por meio de projetos de extensão oferecidos pelo NUSP/UFPE e também através de outras instituições parcerias do núcleo, o que vem resultando no amadurecimento do grupo e na melhoria e diversificação do artesanato, sem desprezar a identidade cultural. A partir de 2009, as mulheres de Barra do Riachão passaram a participar da Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE) do estado de Pernambuco, uma feira de artesanato que valoriza e difunde a riqueza cultural do Nordeste e dá visibilidade ao pequeno artista autônomo, o que estimula o potencial de crescimento dos artesãos e artesãs.

Dessa forma, as mulheres artesãs passaram a vislumbrar a possibilidade de crescimento de seu trabalho através de mais articulação coletiva, mais empenho pessoal e dedicação ao ofício, desejando a organização de uma cooperativa na comunidade. Assim, o NUSP/UFPE, que vinha acompanhando a história do grupo, articulou o projeto no intuito de desenvolver atividades sócio-educativas e de incubação tecnológica para fortalecer a participação e empoderamento das mulheres e consolidar a cooperativa. O trabalho realizado abrange o desenvolvimento de atividades de geração de renda, introdução a economia solidária, incentivo aos processos de autogestão e sustentabilidades das cooperativas e autonomia de gênero, assim como metodologias para estimular o sentimento de pertencimento do grupo cooperado.

Desde o princípio, as artesãs foram inseridas no pensar e fazer sua cooperativa através do Método Bambu, uma metodologia participativa de planejamento e organização, pretendendo, com isso, fortalecer a cooperativa buscando uma autonomia gerencial do empreendimento. Este Método foi

⁵ A formação da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis (RPMS) é um dos principais resultados do Projeto de cooperação técnica firmada entre a UFPE/NUSP/JICA/ AGENCIA CONDEPE/ FIDEM, denominado “Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil”, realizado entre 2003 a 2008, em cinco municípios do Agreste Central de Pernambuco - Bonito, Barra de Guabiraba, Camocim de São Félix, Sairé e São Joaquim do Monte.

⁶ Projeto de extensão com execução de janeiro a dezembro de 2012.

⁷ Cooperativas de produção visam produzir bens ou serviços a serem vendidos em mercados e aplicam princípios que garantem democracia e igualdade.

criado pelo NUSP/UFPE a partir de encontros e trocas de experiências com a Agência de Cooperação Internacional Japonesa (JICA). Funciona como instrumento de mobilização dos grupos, mas vai além de um conhecimento técnico em planejamento participativo, pois visa a transformação social a partir das experiências positivas do grupo (MENEZES FILHO, 2006).

O Método Bambu estimula a participação e o fortalecimento de potencialidades do coletivo, sendo assim, é um processo dialético onde as pessoas são estimuladas a realizar avaliações de suas ações e traçar encaminhamentos de forma participativa, com o Método mediando suas reuniões, buscando soluções que partam do que existe na própria comunidade para o que pode ser alcançado através de parcerias, Estado e reivindicações coletivas. Assim, acredita-se poder tornar a cooperativa sustentável em si mesma, em vista de garantir a continuidade do empreendimento mesmo quando o projeto e o acompanhamento da Universidade se findar. Com isso, se fez parte da incubação tecnológica, o aprendizado do agir participativamente junto a assessoria à organização popular, fortalecendo o apoio técnico na produção e capacitação em processos de autogestão.

Diante disso, a estratégia de “Municípios Saudáveis” que o NUSP/UFPE vem atuando, propõe a participação popular no desenvolvimento local, neste projeto, especificamente, com atividades de geração de renda para mulheres do interior do estado de Pernambuco. A iniciativa de ação nas cooperativas partiu da necessidade de enfrentamento das expressões da questão social que se manifestam, como a pobreza, a exclusão social e a desigualdade social e de gênero. Parafraseando a Política Nacional de Promoção da Saúde o projeto tem por finalidade promover a qualidade de vida, reduzindo riscos à saúde que estão relacionados ao modo de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais (BRASIL, 2006).

4. RESULTADOS

As intervenções realizadas pela equipe do NUSP/UFPE, em interação com outros centros e agências governamentais ao longo do acompanhamento da comunidade e especificamente através deste último projeto de extensão de incubação da cooperativa, proporcionaram uma maior qualificação do ofício de artesã para as mulheres. Através do aprendizado e aperfeiçoamento de técnicas que potencializaram o saber-fazer de artesão, melhorando a apresentação e qualidade da produção, assim como diminuindo o tempo de confecção e aumentando a quantidade e diversificação de produtos. Atrelado a isso, também houve um perceptível aumento do engajamento e do compromisso das integrantes da cooperativa; sendo possível notar o pertencimento, confiança e solidariedade entre as cooperadas e colaboradores da comunidade.

As capacitações, eventos e visitas de campo promoveram momentos de debates e trocas de conhecimentos de forma dinâmica e eficaz, proporcionando momentos de aprendizado não apenas às cooperadas, mas também aos integrantes do projeto – professores, alunos e técnicos do NUSP/UFPE. Houve também o apoio técnico na elaboração dos estatutos e na realização das assembleias de fundação da cooperativa bem como o acompanhamento dos procedimentos legais de registro das cooperativas e exposição na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE). Nas oficinas, nos momentos de capacitação, permearam diversas áreas de conhecimento, indo do Design ao conceito de gênero, também se buscou trabalhar desde noções de empreendedorismo à valorização da cultura local da comunidade. Neste sentido, os conhecimentos e experiências já adquiridas pelo grupo de mulheres foram articulados com os conhecimentos da Universidade, buscando uma troca de saberes em prol do aperfeiçoamento e consolidação da cooperativa e da complementação da formação universitária dos estudantes integrados ao projeto.

Ao longo do processo histórico de acompanhamento que o NUSP realiza junto à comunidade, constatou-se que na medida em que as artesãs vão se empoderando da relevância do seu fazer, recebendo reconhecimento em casa e na comunidade pelas ações e resultados alcançados, são estimuladas a continuar buscando melhorias para o grupo de mulheres e para a comunidade. Incluindo

meios, coletivamente organizados, de busca por apoio do poder público em melhorias que vão além das capacidades da própria comunidade. Ao longo dos anos, com influência e participação das artesãs nas ações comunitárias, especificamente sob a liderança de algumas delas, foi implantada uma unidade de atendimento do Programa Nacional Saúde da Família (PSF) no distrito e também construída uma ponte que conecta mais rapidamente a comunidade ao município e cidades vizinhas, sendo estas ações consideradas muito importantes para o desenvolvimento local de Barra do Riachão.

Durante o projeto de incubação da cooperativa, onde oficinas e capacitações eram oferecidas, ressaltou-se ainda a expressiva participação das mulheres do distrito nos espaços educativos e de discussão sobre a cooperativa. Evidenciando uma mudança na dinâmica de vida dessas mulheres, que antes da viabilização de espaços como este, vinham resignadas aos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos. A cooperativa se consolida também como um local oportuno para discutir a vida pessoal e privada, assim como coletiva e comunitária, um espaço de troca de experiências e avaliação dos rumos do empreendimento que se confunde com os rumos da própria comunidade, uma vez que estão umbilicalmente conectados. O conhecimento da potencialidade existente no ‘pensar soluções coletivamente’, transcende o âmbito da cooperativa e as cooperadas também se envolvem no pensar a comunidade, que são seus familiares, parentes e amigos.

Ainda que este artigo venha focando as vitórias paulatinamente alcançadas pelo grupo de mulheres, é oportuno analisar os problemas persistentes na cooperativa Arte Calango, que percebemos se esbarrarem em problemas gerais ao cooperativismo no Brasil. Sendo persistentes os desafios de fortalecimento da cooperativa como garantidor de renda, uma vez que o empreendimento ainda se mostra instável e impossibilitado de oferecer uma renda fixa às mulheres cooperadas. A falta de renda ainda está presente no cotidiano das mulheres artesãs, que se encontram ainda em situação de pobreza, sendo a cooperativa mais um instável reforço na renda familiar, onde muitas vezes o marido agricultor desempenha o papel de principal garantidor de renda e chefe familiar. Os problemas relacionados a este âmbito, apontam para a falta de fomento e incentivo à economia solidária no país, refletindo na pouca oportunidade de captação de recursos para investir na cooperativa e na capacitação das mulheres. Com isso, a Arte Calango oferece pouca competitividade dentro do mercado capitalista; assim sendo, algumas das cooperadas acabam muitas vezes por optar em seguir profissões mais estáveis financeiramente, mesmo que não haja tanta identificação ou prazer, como no artesanato.

Percebe-se ainda que os princípios da economia solidária, como a confiança, solidariedade e autogestão, esbarram no costumes das práticas representativas, individualistas e competitivas do Brasil, enquanto sociedade capitalista consolidada. Singer (2000) já apontara como grande desafio desse processo de consolidação da economia solidária, a importância de uma mudança cultural no país, com o contingente populacional inserido na gestão democrática participativa; desviando dos velhos modelos e práticas clientelistas e assistencialistas. Na Arte Calango, percebeu-se muitas vezes uma crise de participação e autonomia, onde algumas cooperadas ainda não se sentiam à vontade para assumir uma função no empreendimento, fruto talvez da falta de autoconfiança em realizar determinadas tarefas. Com isso, muitos afazeres ficavam concentrados em poucas pessoas, ocasionando um esgotamento físico e mental dessas, que se sentiam também exploradas pelas demais.

Os empreendimentos solidários demandam novas práticas e costumes, que envolvem mudanças na concepção de se relacionar com as pessoas e de se envolver e participar da vida de uma coletividade. Ao mesmo tempo, a cooperativa funciona enquanto espaço de aprendizado diário e coletivo desta nova prática política. A Arte Calango, mesmo tendo diversos enalços negativos ao longo de sua consolidação, tem seus ganhos reconhecidos e é destaque na Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis, onde se evidencia o capital social do grupo de mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte Calango possibilitou o fortalecimento das potencialidades emancipatórias da população, promovendo a mobilização de seus atores e gerando aprendizado coletivo, que resplandece em iniciativas em prol da população e na busca de alternativas para os problemas locais. Neste sentido, a consolidação da cooperativa possibilitou mudanças na vida das pessoas, havendo mais solidariedade, colaboração e envolvimento, não apenas no âmbito do grupo cooperado, mas ampliando este leque de mudanças a parte significativa da comunidade.

Com as bases de intervenção estruturadas na confiança, solidariedade e pertencimento, elementos essenciais aos empreendimentos solidários e ao desenvolvimento local, o projeto de extensão buscou estimular práticas saudáveis a partir das potencialidades locais, sendo seus ganhos principais as lições aprendidas no processo de ampliação e fortalecimento do capital social e cognitivo dos sujeitos envolvidos. Tais evidências vêm se consolidando cada vez mais através de trocas de experiências em boas práticas de promoção da saúde e municípios saudáveis nos Encontros da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis e na participação do grupo em eventos ligados ao artesanato.

6. REFERÊNCIAS

- AKERMAN, Marco. Saúde e desenvolvimento local: princípios, conceitos, práticas e cooperação técnica. São Paulo: Hucitec, 2005.
- BERGONSI, Sandra S.S.; GUERREIRO, João; MC INTYRE, Jimmy Peixe; PEIXOTO, Paulo A.; PIRES, Maria Luiza L.S.; SALOMÃO, Inessa L.; SILVA, Emanuel. S.; VAZ, Sidney da C. Panorama do cooperativismo brasileiro: história, cenários e tendências. IN - Diagnóstico do Cooperativismo nas Américas. Revista UNIRCOOP - Volume 1, número 2 . Outubro 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde- Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília-DF, 2004.
- BRASIL. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- FREIRE, Socorro & CASTRO, Ana Emilia. Capital Social, Artesanato e Design em Barra do Riachão: Bases para a formação de uma cooperativa IN- FRANCO DE SÁ, Ronice; NISHIDA, Misa.; COUTINHO, Luiz Quental. (Orgs.) Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil: Histórico, avaliação e repercussão. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2008.
- CASTRO, Ana Emilia & FREIRE, Socorro. Artesanato e Design como estratégia de geração de renda para mulheres e jovens na Comunidade de Barra do Riachão – São Joaquim do Monte – PE. Projeto de Extensão. Recife. NUSP/PROEXT/UFPE. 2007.
- FRANCO DE SÁ, Ronice; MC INTYRE, Jimmy; SILVA, Emanuel; FREIRE, Socorro. Participação Feminina nas Cooperativas de Pernambuco: Necessidade de Políticas Públicas Inclusivas – ANAIS - IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE UNIRCOOP -Pensamento Associativista e V Encuentro de Investigadores Latinoamericanos de Cooperativismo. 06-08 Agosto 2008 – Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
- FRANCO DE SÁ, R; et al (Orgs.) Manual do Método Bambu: construindo municípios saudáveis. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.
- FRANÇA FILHO. Incubação de Redes Locais de Economia Solidária: lições e aprendizados a partir da experiência do Projeto Eco-Luzia e da metodologia da ITES/UFBA - o&s - Salvador, v.16 - n.51, p. 725-747 - Outubro/Dezembro - 2009 - www.revistaoes.ufba.br
- HANCOCK, T. & DUHL, L. W.H.O. Health Cities Apaer. Health Cities: promoting health in the urban context. FADL, Copenhagen, 1986.
- MC INTYRE, Jimmy Peixe. O grande desafio da educação empreendedora para formar uma cultura empresarial de cooperação. Revista Direção SEBRAE/PE, ano 29, nº 03, 2003.

- MENEZES FILHO, Abel; FRANCO DE SÁ, Ronice; FREIRE, Socorro. Método Bambu. In FRANCO DE SÁ, Ronice; YUASA, M; VIANA, Valdilene.P. (Orgs.) Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil: Conceitos, metodologia e relações institucionais. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2006.
- PROEXT / SIGPROJ - NUSP. Incubação de Cooperativas de Mulheres Artesãs da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis. MEC-SESu. Recife, 2012.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder.. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Boaventura de S. Da idéia de universidade a universidade das idéias – IN- Pela mão de Alice: O Social e o político na pós-modernidade - 2.ed.- São Paulo: Cortez,1996.
- SEN, Amartya Kunar. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 409 p.
- SINGER, Paul. Introdução à economia solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SINGER, P & SOUZA, A.R. (org.) A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, Editora Contexto (Coleção Economia), 2000.